

ENTREVISTA

C O M

**A Y R S O N
H E R Á C L I T O**

POR NAIRA CIOTTI

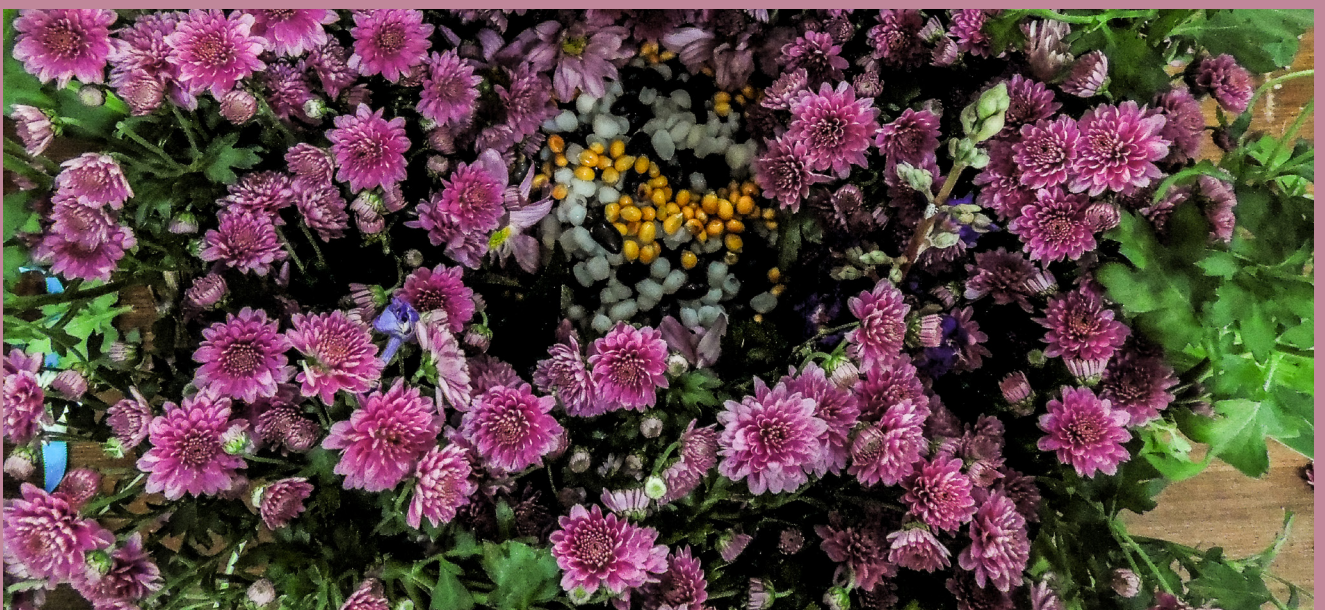
Os tempos em que vivemos são de pura atualização, simultaneidade e racionalidade Este é um convite a todos os que se inquietam, problematizam e exorcizam seus fantasmas através da performance. Talvez o contato com as energias ancestrais possam nos auxiliar a entender melhor eventos de neofascismo abrangente e global. O trabalho de Ayrson Heráclito mostra a relação entre o artista, seu corpo e suas possibilidade no cuidado do contexto, dos espaços de convivência.. Segundo Mariana Tessitore*:

“Praticante do candomblé há mais de vinte anos, Ayrson Heráclito acredita na arte como uma forma de cura. Para o artista baiano, é preciso “exorcizar os fantasmas da sociedade colonial” que ainda assombram o País. Em suas performances, vida, arte e religião se misturam num mesmo caldeirão, onde também entram alimentos da cultura baiana como o açúcar, a carne de charque e o dendê.

* Link de acesso (14/08/2019): <
<https://artebrasileiros.com.br/sub-home2/ayrson-heraclito-um-artista-exorcista/>



Imagens: Processo do
compartilhamento
do artista Ayrson
Heráclito, foto Renan
Carlos, Natal , 2019



Naira:

Hoje é dia 9 de agosto de 2019, estamos falando com o artista e professor baiano, Ayrson Heráclito, que terminou uma residência artística aqui na cidade de Natal organizada pelo LABPerformance como parte do evento Reperformar o Afeto 2019. E essa é uma entrevista para a revista Manzuá. Partindo da ideia de que o número dessa revista é sobre os Corpos Políticos.

Ayrson:

No meu trabalho eu sempre tive uma preocupação social, sempre senti que encontrei uma ocupação social com o coletivo. Nunca fui, dentro da minha formação, um artista que pensou em temáticas poéticas, muito subjetivas, muito minhas. Então essa relação com pensar um corpo social sempre me motivou muito, Logo no início da minha carreira, me deparei com a obra do artista e escultor alemão Joseph Beuys. Ele trazia toda aquela ideia de Escultura Social, de uma Plástica Social, aquele envolvimento para pensar a Arte, a performance e o corpo dentro dos seus contextos sociais e políticos.

Naira:

Pensando hoje nessa relação do seu trabalho com Joseph Beuys, que na minha opinião é total, eu lembro de ter lido que Beuys falava que ele estava curando, curando uma ferida da Alemanha na Segunda Guerra, do nazismo.

Ayrson:

Beuys tem no trabalho dele a abertura dessa ferida, e isso foi um ensinamento político e estético que eu tive dele, de abrir nossas feridas e mergulhar

sobre nossa vida. Eu sou da geração 80, quando comecei a trabalhar com a ideia desse corpo cultural afro-brasileiro percebi que pouquíssimos artistas contemporâneos se debruçavam sobre essa questão. Então, é essa ferida que para nós e para mim é algo que gera uma série de doenças de consequências contemporâneas na sociedade, como a desigualdade, a miséria, a discriminação e o racismo. Essa ferida da Escravidão sempre passou ao largo, principalmente dos repertórios artísticos do universo das Artes Visuais, da Performance e até mesmo do Teatro.

É como se essa questão não estivesse dentro desse universo de apaziguamento que as estratégias de democracia racial, implementadas no Brasil, como se essas estratégias surtissessem um efeito que dissimulasse, que dissolvesse todas as tensões que surgem sobre esse tema. Então, eu comecei a mergulhar profundamente nisso e, para mim, foi bastante importante porque, ao mesmo tempo era entender esse corpo, pensar esse corpo, esgarçar esse corpo e reivindicar para este corpo um protagonismo. No meu trabalho, a história, que dissimula, e que jogou tanto com as tensões e com as problemáticas que a sociedade tem com esse corpo afro-brasileiro é realmente, apresentado na sua plenitude.

Naira:

Então, é uma guinada, esse protagonismo do corpo afro-brasileiro traz, é como iluminar esses corpos, isso perpassa o político.

Ayrson:

Certamente. Eu comecei a elencar diversas táticas e estratégias para

sanar essa invisibilidade em relação à contribuição cultural desses corpos. Não só na construção de uma nação, mas na construção dos fazeres, dos sentidos dessa nação, desse complexo cultural maior, desse andar dessa nação, dessa forma de pensar dessa nação, dessa forma de comer e se alimentar, dessa forma de pensar, produzir, de amar e de odiar. Então, eu comecei a elencar uma série de questões que, de certa forma, traziam como objetivo central essa ideia desse apagamento. Nós passamos por uma violência muito grande, os africanos que vieram escravizados para a América, eles foram pessoas completamente destruídas nos seus vínculos familiares e culturais. Ao girar sobre essas árvores, ao atravessar essas portas do esquecimento muita coisa ficou de lado. Então, essa violência que foi a travessia desses corpos, que foi esse útero que gerou essa ideia de Atlântico Negro criou justamente essas anormalidades, doenças e anomalias sociais. A minha ideia é tentar ir trabalhando essas anomalias justamente para voltar a tentar retornar um sentido desse corpo invisível, que foi passado ao largo, sempre ocupando o segundo plano ou o plano subalterno da sociedade.



Imagens: Ayrson
Heráclito durante a
conferência de abertura
de sua residência no
LABPerformance, Natal,
2019 foto Renan Carlos



Naira:

Eu acho que a gente podia insistir um pouco mais nessa ideia que também é o tema da revista, o do apagamento. A gente partiu de algumas pesquisas de uma holandesa, chamada Saskia Sassen, que tem esse livro “Expulsões”, em que ela fala que o limite máximo disso hoje é o que já aconteceu aqui nesse país: no mundo, tem de três ou quatro pessoas que não podem ter nenhuma nacionalidade, porque foram migrantes, obrigados a migrar, não conseguiram chegar a outro país, perderam o primeiro passaporte e não conseguiram outro, até chegar um ponto em que elas são desprovidas de qualquer tipo de cidadania. Então, ela vai dar esse exemplo do auge do apagamento, a gente nunca vai saber essas histórias, a gente nunca vai saber as origens e os destinos dessas vidas.

Ayrson:

O apagamento cria fenômenos bastante distintos e diversos. Estudei muito esse processo de apagamento de africanos e descendentes de africanos, eu trabalhei com uma documentação de uma escrava lá do Recôncavo da Bahia, de Santo Amaro da Purificação. Olha que interessante, ela já tinha uma carta de liberdade, já tinha alforria, mas ela se envolveu numa questão policial e aí ela foi chamada para ser intimada. O nome dessa ex-escrava da Bahia era Esperanças de Boaventura. Eu fiquei tocado quando vi essa documentação e depois com o auxílio da professora Wlamyra*, que chegou até a escrever

um capítulo de um livro dela onde fala sobre como foi complexo esse processo de abolição da escravidão no Brasil. Era um momento em que o que era invisível tinha de se tornar visível, então foi muito complexo. Mas que tipo de visibilidade foi essa? Então, é um momento importantíssimo para a gente entender no Brasil essa ideia desse corpo afro-brasileiro enquanto um ser político também, é um momento chave no país o da pós-Abolição. É o momento que vai se criar a ideia de uma cidadania brasileira e como esse corpo afro-brasileiro vai se tornar brasileiro. Muitas disputas, muitos jogos e muitas simulações. Mas eu queria falar sobre essa carta, essa documentação de Esperanças de Boaventura, porque ela lembrava de nada, ela foi trazida para o Brasil muito jovem, então ela inventava uma África completamente mítica. Uma África que eu acho que, nem nas mais pitorescas descrições de viajantes e naturalistas poderia retratar. Então, esse fenômeno do apagamento criou também toda essa construção e essa idealização do que está distante, de certa forma uma fantasia. Isso é interessante também, isso para mim é muito importante porque a partir daí a gente consegue compreender como é que essas narrativas sobre a África no Brasil e a partir dessa população que foi escravizada, começam a ser contadas. A minha experiência que tem relação, na Bahia, com o movimento negro político. Movimentos culturais, por exemplo, como os blocos afro, como o

Ilê Aiyê, colocam a África como essa mãe dessa população do mundo todo, o que também é consequência dessas reinvenções. Então, apagou, mas não se perdeu o vínculo.

A única alternativa é reinventar. O processo de apagamento também gera e multiplica as possibilidades de reinvenção. Isso é fascinante também. É cruel, é perverso, mas ao mesmo tempo fascinante porque é um fenômeno cultural que existiu e que é coletivo, e que continua existindo também. Hoje em dia, com as mídias sociais, as pessoas quando não vão à África descobrem como ela é.

Antes de ir à África, por exemplo, eu não imaginava que na África existisse países que não tivesse turismo, que não existissem hotéis. Por outro lado, nestes países há uma movimentação comercial interna e ela perpassa outra forma de acomodações. Mas não existe essa ideia do turismo externo. No Congo mesmo, onde você não pode fotografar, se for fotografar você tem que pedir autorização. Eles não querem que ninguém saiba o que está acontecendo lá dentro, não querem que a imagem saia dali porque eles não querem que ninguém vá para lá. Nem fique lá. É uma situação muito crítica, e ao mesmo tempo, então, você tem um processo de invisibilização de um país na contemporaneidade, de uma forma de vida na contemporaneidade. E por que isso? Porque se você “cutuca” percebe que são consequências dos processos coloniais, principalmente da perversa e genocida colonização belga na África, especificamente no Congo. Então todo esse conflito, toda essa miséria, toda essa desigualdade, a raiz dela, é justamente porque Bruxelas é tão rica, tão poderosa hoje. São contrastes estabelecidos no mundo

por esses processos. de invisibilidade e visibilidade.

Então, pensar essas coisas é pensar como um corpo se torna invisível e se torna visível, como ele reinventa a sua visibilidade ou como ele nega a sua visibilidade. É um território de pesquisa bastante complexo e bastante atual, principalmente porque todo corpo é político. Eu já falei anteriormente em outras entrevistas que toda ação é política, compreendendo a política como o silenciar, você está fazendo política ao falar também.

Existem, além das metodologias mais tradicionais do ativismo político, outras metodologias próprias do campo da arte para investigar, e eu comecei a me definir como um agente político que produz de certa forma um ativismo místico. Então eu ajo muito na energia. Existem ativistas políticos que estão trabalhando com outras formas, com outros métodos. Mas eu acho importantíssimo prestar muito apoio também para grupos de ativistas. Eu já trabalhei com grupos de ativistas de latino americanos, quase sempre negros refugiados na Europa, onde eu fui convocado para trabalhar espiritualmente. Por quê é luta e ativismo 24 horas por dia que aqueles corpos passam. Então, eu fui convidado para fazer uma vivência trabalhando para que a energia corporal deles, a energia que move todo o seu desejo de luta também não ficasse adoecida por esse esgotamento que esses lugares e situações de extrema tensão geram no corpo e no espírito das pessoas.

Naira:

Então é uma espécie de cura e uma projeção para o futuro, essa ideia da cura desses corpos, em um certo

sentido bem poético, amplo ou energético em uma conexão política.

Ayrson:

Exatamente. Acho que Beuys dizia, voltando a ele, que a gente tem que tornar produtivos os segredos. E eu acho que um dos grandes segredos dessa história toda que foi a escravidão negra na América, foi esse legado pré-colonial que chegou até nós e que sobreviveu nos lugares onde eu aprendi a fazer a minha arte, os terreiros, as casas de Axé, as casas de Santo, os Ilês, etc. Então, esse legado que sobreviveu é justamente essa relação que a África pré-colonial nos doou sobre como a gente conviver com um mundo que é apenas liso, raso da racionalidade e das sensações mais urgentes dessa lógica de percepção ocidental. A ideia de você ouvir, de você se conectar, de você buscar apoio, de você ser também, de você estar, tocar os elementos da natureza são fundamentais assim para a promoção de uma vida e de uma qualidade de vida e conseqüentemente para curar de certa forma diversas mazelas que essa história nos legou.

Naira:

Eu tenho mais uma pergunta, eu acho que sim de alguma forma a gente está vivendo um momento que foi muito o que moveu a gente do LabPerformance a lhe convidar para vir fazer essa residência artística, que também é um momento de curar as universidades federais. Os corpos nas nossas universidades federais passando por ameaças de apagamento. Essa última pergunta, como é que foi vir para cá, como foi a sua estadia do seu ponto de vista e que relato você quer deixar para nós?



Imagens: Entrega de presentes para as Iabás na praia da Costeira, Natal RN foto Renan Carlos.





Imagens: Entrega de presentes para as Iabás na praia da Costeira, Natal RN foto Renan Carlos.



Ayrson: Foi maravilhoso, né. Eu não sou um messiânico. Minha função é mostrar que existem outras formas de você se relacionar com a crise e com os problemas que assolam o país a cada dia, que não é só alopatia, terapia. Existem outras maneiras de você buscar o bem-estar, como essa vinda para cá, em uma universidade pública, muito semelhante com a universidade que eu trabalho na Bahia.

Estamos no Nordeste, comemos uma comida parecida, temos um habitat bastante parecido. Temos conflitos, tensões internas, temos elites, pessoas que estão à margem, todas essas complexidades da vida, do mundo. Então, para mim, é muito importante e eu acho que no meu trabalho, pensando, digamos assim, nessa luz anti-apagamento promovida pelo processo todo de invisibilização do povo, do corpo e da cultura afro-brasileira traz também as curas que esse mesmo corpo nos deixou, nos legou. Então, com certeza isso é fundamental. Estar nas universidades é exatamente isso. Como professor, é também falar que existem outras formas de compreensão de ensino, de maneiras e de métodos de ensino. Então, nós vamos ter que olhar também para os nossos livros que são escritos pela natureza, que estão escritos pelas culturas indígenas e negras. Esse arquivo, essa biblioteca imensa e seu legado imenso que foi escrito ali nos terreiros. Então, vamos também olhar para esses mestres, esses teóricos, esses filósofos porque eles não podem ficar mais invisíveis.